

A Crônica: *um resto da voragem o tempo*

As crônicas desta Coletânea são da espécie que faz ressoar em suas cores, em suas margens, em suas linhas, as linhas, as margens e as cores do canto à vida. Elas não se atêm ao relato cronológico dos acontecimentos do cotidiano; como informa o autor, são antes *restos do qual a perplexidade não se apodera*. Suas palavras nos sugerem a pergunta: *O estilo é o homem?*

Sabemos que as iluminuras compunham as páginas dos livros - comumente as dos manuscritos medievais -, para orná-los. Coloriam-nas com desenhos fidelíssimos, de flores, de pássaros, de folhas, de ramos; com traços delicados, iluminavam, sugestivamente, seus temas variados. Esse trabalho, como certa vez escreveu Orhan Pamuk, é reconhecido *pelo virtuosismo capaz de pintar obras-primas inigualáveis, sem deixar um só vestígio da sua identidade*, ao contrário daquele que, a seu ver, é denunciado pelo estilo, *um defeito que permite, em cada objeto, distinguir entre todos os outros quem o pintou*.

Pois caminharei por outras veredas: é justo no campo da arte que a falha denuncia a valiosa presença criativa, inventiva, do homem! É precisamente nos desvios da linguagem comum a todos que vamos encontrar o escritor em criação artística, assenhorando-se da palavra tecida em singulares e inconfundíveis arabescos, portadores de uma mundividência. Com esta noção, sim, podemos concordar com Pamuk quando ele diz que *um erro que não provém de uma falta de habilidade ou talento, mas emana do interior da alma do artista, deixa de ser um erro e se torna um estilo*. Ao ler as crônicas dessa Coletânea, vamos observar que, ao assumir determinada posição diante de cada acontecimento, o narrador põe estes signos em rotação, *tous-les-deux*, o estilo e a percepção do mundo!

O conceito de estilo não se encontra na referência ao conteúdo afetivo, como professava Bally, nem ao poder da fantasia e do gosto, como sustentavam Croce e Vossler; não se restringe tampouco à personalidade artística, nem muito menos à interpretação psicanalítica dos traços estilísticos, conforme bem esclarece W. Kayser, em seu livro *Análise e interpretação da obra literária*. Quando Luiz-Olyntho, no texto da Introdução, nos diz: *Fale-se de futebol, de mulheres, guerras, política, ou mesmo do modo como se socava o fumo no preparo de um cigarrinho de palha, sempre nos deparamos com algum ponto da ordem do inefável, e o que escrevemos é para salvar ao menos um resto da voragem do tempo*, ele aponta ao mesmo

tempo, à ultrapassagem do efêmero cotidiano e nos remete de volta à questão inicial desse texto: *O estilo é o homem?*

Não, não é. Luiz-Olyntho faz-nos ver aqui duas categorias distintas; a primeira - *o ponto da ordem do inefável* -, concerne ao *objeto a* da Psicanálise, lugar onde o homem, enquanto sujeito, vê-se dividido entre a verdade e o saber a ser ficcionalizado por um desfiladeiro de significantes, cujo efeito são desvios languageiros, a falha da qual resulta o estilo. Esta primeira categoria serve apenas de *motivo* do texto, de impulso para a escrita. Mas o conceito de estilo que investigamos é, opostamente, o que traduz aquele *resto* que ele quer *salvo da voragem do tempo*, isto é, o que vem pela ficção literária, momento em que, para lembrar Camões: *Transforma-se o amador em cousa amada/ por virtude de muito imaginar*. A teoria literária diria que isso acontece *quando o funcionamento dos meios linguísticos traduz a expressão duma atitude* (Kayser). O crítico canadense Northrop Frye dá-nos um bom exemplo dessa *atitude*, ao narrar que, *quando Milton se sentou para escrever um poema sobre Edward King, ele não se perguntou O que eu posso dizer sobre King?, mas Como a poesia requer que tal assunto seja tratado? (Anatomia da Crítica)*. No *setting* literário, não há como separar a forma do conteúdo da literatura; isso significa dizer que *a literatura dá forma a ela mesma e não é modelada externamente: as formas da literatura não podem existir fora da literatura, assim como as formas da sonata e da fuga e do rondó não podem existir fora da música*.

Quando o escritor põe o estilo a serviço de uma mundividência, seja na crônica, no conto, no romance, no poema, já não mais está aí o homem, o artista, o autor! Aparece - tal qual em *Luminura Turca* -, transformado em narrador participante. Como Luiz-Olyntho diz do *Saturno*, de Goya: *a história pode sempre ser reescrita com uma reflexão pessoal*. O que ele pretende nos dizer claramente aí não é senão que a obra literária não se fecha em uma única perspectiva, e, também, que o aspecto estético é meio e não fim desta. Uma visão moderna do conceito de estilo.

Dulcinea Santos